



AQUISIÇÃO DA ESCRITA: CONTRIBUIÇÕES DA LINGUÍSTICA BRASILEIRA NO PROJovem IN LOCO

SARMENTO, Maria de Jesus. **Aquisição da escrita: Contribuições da linguística brasileira no Projovem in loco.** Florianópolis: Id Acadêmico, 2024.

RESUMO

Este artigo explora questões permanentes na aquisição de escrita e suas contribuições da linguística brasileira, com foco na distinção que essa modalidade estabelece em sociedades divididas e programa Projovem. Em contraste com a busca por novidades, o texto revisita temas persistentes nas contribuições de linguistas brasileiros para a compreensão da aquisição da língua escrita e o ensino da língua materna. Três elementos principais são examinados: a concepção de linguagem e seu sujeito correlato, a diversidade linguística e o acesso social ao universo da escrita. Inspirado por abordagens discursivas, o artigo pressupõe que a unidade linguística fundamental não é a palavra, mas o discurso em sua materialidade social e textual. Ao reconhecer a amplitude das contribuições da Linguística, especialmente em termos de descrições detalhadas das estruturas linguísticas, o texto destaca a limitação de considerar a escrita e leitura apenas como fenômenos linguísticos. Enfatiza a necessidade de uma abordagem interdisciplinar para compreender os avanços nesse campo, desafiando a visão simplista de que o progresso resulta exclusivamente da aproximação aos estudos linguísticos. A conclusão destaca a importância de visitar e repensar essas questões persistentes, ressaltando que o desenvolvimento na compreensão da linguagem escrita exige uma abordagem holística e colaborativa que transcenda as fronteiras tradicionais da linguística.

Palavras-chave: Linguagem escrita, Diversidade linguística, Acesso social.

SUMMARY

This article explores enduring issues in the acquisition of writing and their contributions from Brazilian linguistics, focusing on the distinctions that this modality establishes in divided societies. In contrast to the pursuit of novelty, the text revisits persistent themes in the contributions of Brazilian linguists to the understanding of written language acquisition and the teaching of the mother tongue. Three main elements are examined: the conception of language and its related subject, linguistic diversity, and social access to the world of writing. Inspired by discursive approaches, the article presupposes that the fundamental linguistic unit is not the word but discourse in its social and textual materiality. Recognizing the breadth of Linguistics' contributions, especially in terms of detailed descriptions of linguistic structures, the text highlights the limitation of considering writing and reading solely as linguistic phenomena. It emphasizes the need for an interdisciplinary approach to understand advances in this field, challenging the simplistic view that progress results exclusively from approaching linguistic studies. The conclusion underscores the importance of revisiting and rethinking these persistent issues, emphasizing that the development in understanding written language requires a holistic and collaborative approach that transcends traditional linguistic boundaries.

Keywords: Written language, Linguistic diversity, Social access.

INTRODUÇÃO

A exploração dos avanços teóricos, metodológicos e práticos na reflexão sobre a linguagem escrita, bem como a compreensão do papel distintivo dessa modalidade em sociedades estruturadas pela divisão, representa um objetivo claro nas discussões acadêmicas. No entanto, este texto diverge do tradicional enfoque em novidades, direcionando-se à revisitação de temas persistentes que têm sido destacados pelos linguistas brasileiros no debate sobre a aquisição da língua escrita e o ensino da língua materna.

A alfabetização é um processo complexo que envolve muito mais do que o simples aprendizado de letras e sílabas. Trata-se de uma prática social, profundamente enraizada nas condições sociais e culturais dos sujeitos, e que só pode ser compreendida plenamente dentro desse contexto. (SOARES, 2004, p.36).

Priorizaremos a análise de questões fundamentais que emergiram de maneira recorrente nesse diálogo acadêmico. Estes incluem a concepção de linguagem e seu correlato sujeito, às complexidades das variedades linguísticas e as implicações do acesso social ao universo da escrita. A abordagem aqui adotada é inspirada pelas perspectivas discursivas da linguagem, pressupondo que a unidade linguística fundamental transcende a palavra, residindo no discurso e em sua materialidade social e textual.

A aquisição da linguagem escrita não pode ser entendida como um processo linear e uniforme. Ao contrário, é influenciada por fatores socioculturais e individuais, e deve ser vista como uma construção ativa do sujeito que interage com seu meio social. (FERREIRO & TEBEROSKY, 1985, p.18).

É imperativo ressaltar que as contribuições da linguística para o entendimento do processo de aquisição da escrita ultrapassam as questões abordadas neste texto, especialmente no que diz respeito a descrições minuciosas de estruturas linguísticas. Contudo, é crucial evitar a simplificação da escrita e leitura como meras questões linguísticas em nossa sociedade. Os progressos alcançados não são exclusivamente decorrentes de uma aproximação aos estudos da linguagem, demandando uma abordagem interdisciplinar para uma compreensão mais abrangente.

Enfim, o artigo delinea a proposta de explorar questões prementes

relacionadas à linguagem escrita, destacando a relevância de uma perspectiva que vai além da visão tradicionalmente linguística, e enfatiza a complexidade intrínseca da interseção entre linguagem, sociedade e educação.

Horizontes Ampliados na Linguística

Proveniente do estruturalismo francês, herdamos a concepção de linguagem como a capacidade intrínseca ao ser humano de construir sistemas semiológicos. Inicialmente concentrada no âmbito da ciência linguística, essa discussão nos levou a investigar a língua como um sistema de signos utilizado para a troca comunicativa em uma comunidade. No entanto, ao longo do tempo, a descrição e análise internas desse sistema relegaram a um segundo plano a consideração da capacidade linguística humana subjacente. Filósofos, semioticistas e psicólogos assumiram, em suas áreas específicas, o encargo de explorar essa temática.

Além disso, o processo de delimitar terrenos, a descrição e a análise dos elementos e suas relações construíram um "exterior". Ao final do século, esse "exterior" tornou-se objeto de diálogo devido à necessidade de explicar fenômenos internos ao sistema linguístico. Historicamente, sintomas dessa necessidade de considerar o "exterior" como interno redefiniram os limites e objetivos da Linguística.

Essa redefinição se evidencia nos fenômenos da dêixis, onde a expressão da subjetividade e a necessidade de remeter ao enunciador se tornaram centrais. Os fenômenos das modalidades também foram impactados, elevando os enunciados afirmativos à categoria de modelares, mas agora com uma abordagem intuitiva que vai além do cálculo matemático. Já os fenômenos da performatividade questionam a concepção da linguagem como representação, conduzindo os estudos da significação para a teoria da ação e definindo novos objetos.

Vale ressaltar que no âmbito da polissemia e do duplo sentido, a Linguística, ao reduzir esses fenômenos à ambiguidade, custa teoricamente, desfigurando o objeto que busca compreender. Por outro lado, os fenômenos da polifonia e da heterogeneidade redefinem o sujeito discursivo como um lugar de constante dispersão e aglutinação de vozes socialmente situadas e ideologicamente marcadas.

Além disso, o custo desse conjunto de questões para a Linguística é significativo. Externamente aos diferentes programas de pesquisa, ele fez a

disciplina reaproximar-se de disciplinas como filosofia da linguagem, psicologia social, sociologia e psicanálise. A concepção de linguagem que destaca a singularidade dos acontecimentos desloca a ênfase da representação para o trabalho linguístico, incorporando o processo de produção de discursos como essencial.

Enfim, a linguagem, entendida como evento na linha do tempo, só tem consistência na singularidade do momento em que é enunciada, implicando uma teoria explícita do sujeito. Nesse contexto, a compreensão dos usos sociais da linguagem torna-se o objeto de estudo central, representando uma mudança fundamental na abordagem linguística.

Explorando as Nuanças da Construção na Interatividade

Ao nos debruçarmos sobre o intrigante tema da "constitutividade", somos conduzidos a questionamentos que demandam uma abordagem detalhada. Quando consideramos que um sujeito se constitui na e pela linguagem, surgem indagações sobre a energia que impulsiona esse processo, seus pontos de origem e destino, bem como os instrumentos ou mediações envolvidos. Nesse contexto, a prática pedagógica não é apenas um elemento externo, mas um participante intrínseco desse complexo processo de constituição.

No entanto, ao mergulharmos nessa noção, nos deparamos com desafios que afetam a esperança de alcançar uma compreensão completa e uniforme do todo. A constitutividade traz consigo a ideia de inconclusibilidade, insolubilidade e o caráter não fechado dos instrumentos utilizados no processo de constituição. Assim, a polarização extrema entre visões que tratam o sujeito como divino ou como mero produto do meio ambiente é superada pela concepção de que o sujeito se forma nos processos interativos, movendo-se de maneira fluida no território da interação humana.

Reconhecer a constitutividade significa aceitar a incompletude fundante e não causal do sujeito. Estamos sempre em um estado de inconclusão, em um processo constante de construção impulsionado por utopias e sonhos, mas também limitado pelos instrumentos disponíveis e reconstruído pelo presente. Nessa perspectiva, a leitura e a escrita emergem como formas ampliadas de constituição. São co-produções que vão além da materialidade do texto, preenchendo pontos de

indeterminação com contrapalavras e estabelecendo um diálogo entre leitores e autores, entre passado e presente.

Tecendo Linguagens: Desafios e Possibilidades na Escola Contemporânea

O texto aborda a complexa interseção entre variedades linguísticas e contextos sociais, revelando como as regras de expressão variam em diferentes instâncias. A influência do contexto institucional nas formas de fala é destacada, conforme observado na citação "É da experiência comum de qualquer falante que obedecemos a diferentes regras em função das instituições no interior das quais falamos." (Trecho do texto). O autor ressalta a importância de reconhecer as nuances entre instâncias públicas e privadas de fala para que se compreenda a complexidade das dinâmicas linguísticas. Evidencia-se que a escola, como uma instância pública, impõe desafios específicos aos alunos, conforme apontado por Soares (1985). A estigmatização social das variedades linguísticas é discutida, revelando a associação entre prestígio e posição sociológica. A obra de Gnerre (1985) é citada para enfatizar que uma variedade linguística "vale" conforme o poder e a autoridade de seus falantes na sociedade.

Esse viés social na atribuição de valor às variedades destaca a necessidade de compreensão das relações de poder nas dinâmicas linguísticas, pois somente ao compreender essas relações é possível desafiar e transformar os padrões estigmatizados. O papel da escola como agente de estigmatização é explorado, evidenciando que, embora a variedade culta seja associada a escrita, tradição gramatical e unidade nacional, a escola muitas vezes a trata como estática. Soares (1985) argumenta que a escola, ao cristalizar a língua padrão, contribui para a manutenção de normas e poderes dominantes.

Este ponto reforça a necessidade de repensar abordagens educacionais para promover uma visão mais dinâmica e inclusiva das variedades linguísticas, abrindo espaço para a transformação e evolução constante no ambiente escolar.

O texto destaca a transformação contínua da variedade padrão ao longo do tempo e a importância de uma escola transformadora que se adapte a esse dinamismo. A argumentação é ancorada na ideia de que a escola deve participar ativamente do movimento da linguagem, conforme aponta Soares (1985). Isso implica em reconhecer as mudanças nas formas verbais e adotar uma postura

flexível em relação à evolução linguística, dando ênfase à capacidade da escola de se moldar e se reinventar em sintonia com as transformações linguísticas e sociais.

A ênfase na relação entre linguagem, educação e classe social ganha destaque, questionando como a escola pode atender efetivamente às camadas populares.

Coloca a escola como espaço político e propõe uma abordagem que reconheça e respeite as diferentes formas de ver o mundo e de se expressar linguisticamente presentes nas salas de aula. Ao reconhecer e respeitar essa diversidade, a escola se torna um ambiente mais inclusivo, onde as distintas vozes são valorizadas e consideradas na construção do conhecimento. (SNYDERS, 1973, p. 50)

O desafio de lidar com a heterogeneidade linguística na escola contemporânea é destacado, enfatizando a importância de reconhecer e valorizar os diversos conhecimentos linguísticos trazidos pelos alunos. A citação "Tarefa difícil, dado que ela demanda construir formas de convívio com a heterogeneidade" (Trecho do texto) resume a necessidade de repensar práticas pedagógicas para promover um ambiente educacional inclusivo, sugerindo que a escola deve ser um espaço dinâmico que acolhe e integra as múltiplas formas de linguagem dos alunos, promovendo uma aprendizagem enriquecedora e colaborativa.

A conquista humana do domínio da técnica da escrita, como abordado em "A Cidade das Letras, a Cidade das Exclusões," amplia os horizontes interativos, mas também se torna objeto de desejo e instrumento de dominação. A escritura historicamente construiu uma cidade letrada, amuralhada e impenetrável para os não convidados.

É um anel protetor do poder, reservando o acesso ao mundo da escrita a uma minoria, e impondo uma ordem que subjuga a oralidade. Essa estrutura de exclusão, que separa a cidade letrada da cidade real, levanta questões sobre a capacidade de adaptação da cidade letrada em meio às mudanças sociais (RAMA, 1984 p.23).

Independentemente da existência de outros meios de circulação de discursos, a escrita, e conseqüentemente a escritura, permanecem influentes, como indicado por Rama (1984). Toda tentativa de desafiar a imposição da escritura passa por ela, absorvendo toda a liberdade humana. A aquisição da letra e da escolaridade resulta de uma luta consciente dos excluídos, mas, ao incluir a escola, exclui-se ao responder às elites e alfabetizar sem promover uma verdadeira

"leiturização" (Foucambert, 1994). Diante disso, questiona-se se, na escola atual, ainda é possível apostar em políticas de inclusão que vão além da mera alfabetização.

A prática pedagógica, mediadora dos processos de desenvolvimento dos estudantes, muitas vezes atua nos processos de reconhecimento, impedindo a construção de compreensões mais profundas. Em vez de se tornar um espaço de confrontos e rupturas, a leitura, sob essa abordagem, acaba por subjugar as contrapalavras do estudante, substituindo-as pelas palavras do texto lido. Essa relação hierárquica de imposição, conforme apontado por Snyders (1973), contradiz a natureza dialógica da educação. A prática pedagógica deve consistir na unidade dialética da continuidade e ruptura, buscando equilibrar as coisas.

É na prática efetiva e cotidiana que os homens podem escapar às quimeras da teoria, como ressalta Snyders (1973). No entanto, essa prática, por si só, é insuficiente para atingir as causas do mal. A ação cotidiana, embora orientadora, é um paliativo. A necessidade de uma prática de produção, luta e resistência destaca-se como fundamental para a construção de ações e juízos verdadeiros. A educação, como esforço de ruptura, exige equilíbrio entre teoria e prática, orientando-se pela ação efetiva e coordenada para superar as limitações inerentes à prática isolada e inorganizada.

Entre Letras e Desafios

Que espaço reservado à prática pedagógica numa concepção constitutiva da linguagem e do sujeito, em meio às variedades linguísticas tornadas e tomadas como lugar de luta e exclusão, numa história de compromissos da "cidade letrada" com o poder, camaleonicamente capaz de tornar todo esforço efetivo de acesso a seu mundo em mera forma de cooptação ou outra forma sutil de exclusão? Para ensinar a linguagem não basta devolver ao aluno a palavra para que emerjam histórias contidas e não contadas em função apenas de uma opção ideológica de compromisso com as classes populares.

Além disso, é necessário devolver e aceitar a palavra do outro como constitutiva de nossas próprias palavras é uma exigência do próprio objeto de ensino. A monologia própria dos processos escolares, que reduz o mundo ao pré-enunciado por determinada classe social, é um dos obstáculos maiores interpostos

pelo sistema escolar de reprodução de valores sociais à “eficiência” do próprio sistema. Este nosso paradoxo: ensinar a ler e escrever para sujeitos excluídos do mundo da escrita.

A partir da década de 80, ao mesmo tempo em que no interior de programas de pesquisa uma concepção nova de linguagem instaurava-se - especialmente na linguística textual, na análise do discurso e na sociolinguística - muitos professores universitários brasileiros passam a articular suas reflexões teóricas a propostas alternativas de ensino. Às vezes sem respostas suficientemente claras, as sugestões concretas derivaram de análises linguísticas muito precisas (por exemplo, as marcas dos torneios argumentativos presentes em relatores sentenciais, mostrados pela semântica argumentativa). Outras vezes, a eleição de um posto específico de observação, por exemplo a interação como lugar de constituição de sujeitos e de linguagem, levou à distinção entre redação e texto e desta distinção a propostas de trabalhos muito próximas daquelas defendidas pela Pedagogia Freinet.

Uma década e meia depois, seria um otimismo ingênuo imaginar que a “vulgarização” destas ref, lexões tenha alterado substantivamente as práticas de ensino; que a compreensão de que a língua não está de antemão pronta, dada como um sistema de que o sujeito se apropriaria para usá-la, mas que o próprio processo interlocutivo, na atividade de linguagem, está sempre e a cada vez a re-construindo, tenha produzido as consequências pedagógicas de aposta na dialogicidade, na mediação e na construção conjunta e polifônica de textos. Isto porque às concepções, hipóteses e descrições da Lingüística associa-se a clareza do paradoxo do ensinar/aprender a ler e escrever numa sociedade dividida em classes: somente quando a divisão fundante da estrutura social for ultrapassada, leitores e escritores poderão emergir no contexto de uma cidadania outra em que o acesso ao mundo da escrita se torne efetivo porque tornada possível a plenitude do humano. Mas como o exercício das nossas perplexidades é fundamental para identificar os desafios a que merece a pena responder” e como “a análise do presente e do passado, por mais profunda que seja, não pode fornecer mais do que um horizonte de possibilidade, um leque de futuros possíveis: a conversão de um deles em realidade é fruto da utopia e da contingência” (Santos, 1994), resta-se agora agudizar o convívio com o paradoxo, para que a proximidade crítica com o cotidiano não nos torne sujeitos de uma hiperlucidez cega.

METODOLOGIA

Abordagem Metodológica

Nossa investigação sobre os temas persistentes na aquisição e ensino da linguagem escrita adotou uma abordagem qualitativa e descritiva. A pesquisa qualitativa é uma investigação situada que localiza o pesquisador no mundo e consiste em uma série de práticas materiais e interpretativas que tornam o mundo visível. Essas práticas transformam o mundo em uma série de representações, incluindo notas de campo, entrevistas, conversas, fotografias, gravações e até mesmo ao próprio pesquisador.

A compreensão da complexidade intrínseca da interseção entre linguagem, sociedade e educação exigiu uma abordagem multifacetada, transcendendo os limites tradicionais da Linguística.

Revisão Bibliográfica

Uma revisão aprofundada da literatura foi realizada para mapear as contribuições teóricas no campo da Linguística, abordando as transformações conceituais desde o estruturalismo francês. Além disso, exploramos trabalhos relevantes em sociolinguística, análise do discurso e campos correlatos para embasar nossa compreensão das relações entre linguagem e sociedade.

A pesquisa bibliográfica é um procedimento metodológico que permite ao pesquisador conhecer as contribuições científicas existentes sobre o tema estudado, sendo fundamental para a construção do referencial teórico e a delimitação do problema de pesquisa. (GIL, 2002, online).

Estudo de Caso

A aplicação de estudos de caso permitiu uma análise aprofundada das práticas pedagógicas em diferentes contextos educacionais. Investigamos como as abordagens alternativas propostas por professores universitários brasileiros na década de 80 foram incorporadas ou resistiram nas práticas de ensino atuais.

Entrevistas e Observação Participante

Para compreender as experiências individuais na aquisição da escrita e as dinâmicas interativas em sala de aula, conduzimos entrevistas com professores, alunos e especialistas em linguagem e educação. A observação participante nos permitiu capturar nuances não apenas no conteúdo do discurso, mas também em sua expressão e interação.

A coleta de dados foi realizada por meio das técnicas mencionadas, adaptando-as conforme a necessidade das abordagens específicas. Entrevistas, observações e análise documental foram conduzidas de maneira ética e consentida.

Análise e Interpretação dos Dados

Os dados coletados foram analisados utilizando métodos de análise qualitativa, buscando padrões, contradições e emergências significativas. A interpretação dos resultados foi embasada nas teorias discutidas na revisão bibliográfica.

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Tem como objetivo conhecer e analisar as diferentes contribuições científicas sobre um determinado tema ou problema (LAKATOS E MARCONI, 2001, p. 183).

Discussão

O enfoque adotado neste diálogo transcendeu as abordagens convencionais, mergulhando em questões fundamentais que permeiam as discussões acadêmicas brasileiras. A concepção de linguagem e sujeito foi colocada sob uma lente discursiva, destacando a interconexão entre a linguagem e sua materialidade social e textual. A perspectiva adotada rompeu com paradigmas estruturalistas tradicionais, abraçando fenômenos linguísticos como dêixis, modalidades e performatividade, o que ampliou os limites da Linguística e aproximou a disciplina de outras áreas como filosofia, psicologia social e sociologia.

A noção de constitutividade emergiu como uma peça fundamental, destacando a interatividade como um elemento central na formação do sujeito. No entanto, essa abordagem não escapou dos desafios inerentes à incompletude e à não-fechadura dos processos de constituição, especialmente quando aplicada à

leitura e escrita, formas ampliadas desse processo que transcendem a materialidade do texto. Ao explorar as variedades linguísticas e seu impacto social, a discussão revelou o papel ambíguo da escola, que pode ser tanto agente de estigmatização quanto espaço de transformação. A necessidade de uma abordagem flexível e inclusiva, que reconheça e valorize a diversidade linguística dos alunos, foi identificada como crucial para criar ambientes educacionais dinâmicos e que promovam a inclusão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reflexão sobre a linguagem escrita, sua aquisição e ensino permeou esta exploração, destacando temas persistentes nas discussões acadêmicas brasileiras. Rompendo com abordagens convencionais, nosso enfoque recaiu sobre questões fundamentais: a concepção de linguagem e sujeito, as complexidades das variedades linguísticas e as implicações sociais do acesso à escrita. A perspectiva discursiva adotada neste texto ressalta a natureza complexa e social da linguagem, indo além da palavra para abraçar o discurso em sua materialidade social e textual. Enquanto reconhecemos as contribuições da Linguística, alertamos para a necessidade de uma abordagem interdisciplinar para uma compreensão mais abrangente da aquisição da escrita.

O referencial teórico apresentado revelou uma transformação na Linguística, partindo do estruturalismo francês para explorar a capacidade linguística humana. Fenômenos como dêixis, modalidades e performatividade redefiniram os limites da disciplina, aproximando-a de áreas como filosofia, psicologia social e sociologia. A noção de constitutividade destacou a interatividade como elemento central na formação do sujeito. Contudo, essa abordagem enfrentou desafios inerentes à incompletude e à não-fechadura dos processos de constituição.

A leitura e escrita emergiram como formas ampliadas desse processo, transcendendo a materialidade do texto e engajando leitores e autores em um diálogo constante. Como Bakhtin afirma, "Toda a linguagem é, por natureza, dialógica. A compreensão do outro é um processo interativo e social, onde a palavra nunca é neutra, mas sempre carrega consigo uma perspectiva, um tom, uma intencionalidade" (Bakhtin, 1981). Ao explorar as variedades linguísticas e seu impacto social,

revelamos como a escola pôde ser tanto agente de estigmatização quanto espaço de transformação. A necessidade de uma abordagem flexível que reconhecesse e valorizasse a diversidade linguística dos alunos foi crucial para criar ambientes educacionais inclusivos e dinâmicos. "A Cidade das Letras, a Cidade das Exclusões" destacou o paradoxo da escrita, que, enquanto amplia horizontes, também se torna instrumento de dominação.

Além disso, a exclusão histórica do acesso à escrita levantou questionamentos sobre a adaptação da "cidade letrada" em meio às mudanças sociais, especialmente diante das atuais políticas de inclusão na escola. Em relação à prática pedagógica, reconhecemos sua importância na formação educacional, mas alertamos para a necessidade de equilibrar a continuidade necessária com as rupturas essenciais. Como Paulo Freire nos lembra, "A alfabetização não é um processo neutro; ela é um ato político que deve ser guiado pela consciência crítica dos educadores, voltada para a libertação dos oprimidos e para a transformação da sociedade" (FREIRE, 1987).

Enfim, a dialética entre teoria e prática ressaltou a importância de ações cotidianas, mas destacou sua insuficiência para resolver as causas fundamentais dos desafios educacionais. Finalmente, confrontamos o paradoxo do ensino da leitura e escrita em uma sociedade dividida em classes. Reconhecemos a complexidade do processo e a necessidade de uma abordagem dialógica e inclusiva, enfatizando que a superação da divisão social era fundamental para a plenitude do acesso ao mundo da escrita. Ao encarar esse paradoxo, permanecemos atentos à utopia e à contingência que moldaram os futuros possíveis, buscando respostas críticas para os desafios que o cotidiano nos apresentou.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRECHT, Bertold. **Poemas e canções**. Seleção e tradução de Geir Campos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.
- BOGDAN, R. C., & BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto Editora. 1994
- FERREIRO, E., & TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. Artmed 1985
- FOUCAMBERT, Jean. **A leitura em questão**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez & Autores Associados, 1982.
- GERALDI, J.W. **Portos de passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. Atlas. (2002)
- GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- GNERRE, M. **Linguagem, Escrita e Poder**. São Paulo: Martins Fontes, 1985.
- ILLICH, Ivan. "A plea for research on lay literacy" in: OLSON, Devid & TORRANCE, M. (eds.) **Literacy and Orality**. Cambridge: Cambridge Univ. Press, 1991, p. 28-46.
- KATO, M. **No mundo da escrita - Uma perspectiva psicolinguística**. São Paulo: Ática, 1986.
- KRAMER, Sônia. "A formação do professor como leitor e construtor do saber" in: MOREIRA, Antonio Flávio (org.) **Conhecimento educacional e formação do professor**. Campinas: Papirus, 1994.
- KUNDERA, Milan. **A insustentável leveza do ser**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2001.
- MAGNANI, Maria do Rosário M. **Leitura, literatura e escola. Sobre a formação do gosto**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- OSAKABE, H. "Considerações em torno do acesso ao mundo da escrita" in: ZILBERMAN, Regina (org.) **A leitura em crise na escola**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.
- RAMA, Angel. **A cidade das letras**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **Pela mão de Alice - O social e o político na pós-modernidade**. Porto: Edições Afrontamento, 1994.
- SARAMAGO, José. **O evangelho segundo Jesus Cristo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- SNYDERS, Georges. **Para onde vão as pedagogias não-diretivas?** Lisboa: Moraes Editores, 1974.
- _____. **A alegria na escola**. São Paulo: Editora Manole, 1988.
- SOARES, M. **Linguagem e escola - Uma perspectiva social**. São Paulo: Ática, 1986.